

DE VOLTA À INFÂNCIA PELA POESIA DE MANOEL DE BARROS:

Geoautobiografia poética de uma
geógrafa sertaneja

**BACK TO CHILDHOOD THROUGH THE POETRY OF
MANOEL DE BARROS:** Poetic geoautobiography of a sertaneja
geographer

**DE RETOUR EN ENFANCE PAR LA POÉSIE DE MANOEL
DE BARROS :** Geoautobiographie poétique d'une géographe
sertaneja

RESUMO

A poesia de Manoel de Barros é o caminho de volta à infância neste exercício geoautobiográfico poético. A infância, como terra onírica, é projetada pela fenomenologia da imaginação bachelardiana ao encontro do livro “Menino do mato” do poeta brasileiro, os quais se dobram nas lembranças e memórias da geógrafa sertaneja. O “canto do mundo”, como geograficidade, reverbera o imaginário da Terra, do ser criança, no encontro da Geografia com a Literatura.

Palavras-chave: Memória. Ser criança. Imaginário da Terra. Fenomenologia da imaginação.

ABSTRACT

Manoel de Barros' poetry is the way back to childhood in this poetic geoautobiographical exercise. Childhood, as a dreamland, is projected by the phenomenology of the Bachelardian imagination in the encounter of the book “Menino do mato” by the Brazilian poet, which are doubled in memories and remembrances of the sertaneja geographer. The “corner of the world”, as geographicity, reverberates the imaginary of the Earth, of being child, in the encounter of Geography and Literature.

Keywords: Memory. To be child. Imaginary of the Earth. Phenomenology of imagination.

RÉSUMÉ

La poésie de Manoel de Barros est le chemin de retour à l'enfance dans cet exercice géoautobiographique poétique. L'enfance, comme terre onirique, est projetée par la phénoménologie de l'imaginaire bachelardien à la rencontre du livre « L'enfant des bois » du poète brésilien, lesquels se doublent dans les souvenirs et mémoires de la géographe sertaneja. Le « coin du monde », comme géographicité, résonne l'imaginaire de la Terre, de l'être enfant, à la rencontre de la Géographie avec la Littérature.

Mots-clés: Mémoire. Être enfant. Imaginaire de la Terre. Phénoménologie de l'imagination.

*“Os sonhos não têm comportamento
Sempre havia de existir nos sonhos daquele
menino o primitivismo do seu existir.
E as imagens que ele organizava com o
auxílio das suas palavras eram concretas.
Ele até chegou um dia a pegar na crina
do vento.
Era sonho?”*
Manoel de Barros (2015a, p. 89).

É preciso desver o mundo

O Pai achava que a gente queria desver o mundo
para encontrar nas palavras novas coisas de ver
assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do
rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão
de uma pedra.

...

Então era preciso desver o mundo para sair daquele
lugar imensamente e sem lado
(Barros, 2015a, p. 14).

A potência poética e o encantamento por desvios em Manoel de Barros arrebatam-me a desver o mundo para *sair daquele lugar imensamente e sem lado*. Que arrebatamento é esse – *desver o mundo*? “Desvê-lo, criando nele e com ele, novas coisas de ver”. (Rodrigues, 2016, p. 55). Sim, “desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver”. (Barros, 2015a, p. 14). Desviar o olhar para as coisas em si. O desejo de descobrir e a curiosidade de novos caminhos em desvios – caminhar a ermo, sem rumo como o andarilho. “A proposição de romper, corromper o recalque do discurso, dificultando a lucidez de entendimento, escurecendo-o, buscando o desconhecido ou inventando-o aponta para a prática de desver o mundo. Desver é igual a ver para dizer o que não se vê.” (Rodrigues, 2016, p. 73). A esse enlevo e desvelo, cabe aqui lembrar, que a aventura pela poética do Rio Araguaia de Gratão (2002) é um desver o mundo. Um caminhar a ermo, ao encontro com o rio a descobrir o mundo pelo olhar poético.

“O Pai achava que a gente queria desver o mundo” e Manoel de Barros, então, me fez voltar à infância impulsionada pelo direito de sonhar à luz de Bachelard. Como escreve Pessanha (1994, p. xxx-xxxi):

Na solidão fecunda desse pensador camponês ilhado na cidade grande, a chama é luz que clareia, mas também verticalidade: permanente convite ao voo. Sua mesa de filósofo, confessa esse incansável leitor, é na verdade sua “mesa de existência”, existência sempre em tensão [...]. Sobre essa mesa – temos também, o direito de sonhar, direito que Bachelard nos concede [...].

Bachelard sonha – e com ele, também sonho (Gratão, 2016). Manoel de Barros fez rebrotar minha infância (sertaneja) vivida na Fazenda, no mato, nos pastos, na mata, rego d’água; fez explodir em imagens minha alma (sertaneja), minha poética (sertaneja) – poética dos sertões de Goiás. Um regresso ao universo onírico desta sertaneja encantada com a terra – minha terra – espaço telúrico de Dardel (2011), devaneios de Bachelard (1988a) e imaginação material de Bachelard (1989). “As imagens poéticas têm, também elas, uma matéria. Imaginação pelo signo dos elementos materiais... Com efeito, acreditamos possível estabelecer, no reino da imaginação, uma lei dos quatro elementos, que classifica as diversas imaginações mate-

riais conforme elas se associem ao fogo, ao ar, à água ou à terra.” (Bachelard, 1989, p. 3-4).

Esse regresso onírico fez-me desver o mundo – aquele meu mundo. É preciso revisitar a nossa infância. É preciso revisitar o lugar-mundo da infância para desver o mundo. Enxergar o mundo do ponto de vista da criança é ver de novo, como pela primeira com sua pureza de inocência. Fez desvelar em mim o lugar-mundo da infância, resguardado no coração e na alma como minha casa – *meu canto do mundo*. A casa “é o primeiro mundo do ser humano.” (BACHELARD, 1988b, p. 26). “Portanto, é preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos.” (Bachelard, 1988b, p. 24).

Assim a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. [...] Pelos poemas, talvez mais que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa. (Bachelard, 1988b, p. 25-26).

Neste “canto do mundo” é que descobri-encontrei-conheci-sonhei a beleza e a magia dos livros e, me encantei pelas letras e pela leitura – pelas palavras e pela escrita. Neste “canto do mundo” é que aprendi a ler e escrever à luz do sonho na busca do conhecimento do mundo.

De volta à infância pela poética de Manoel de Barros é uma escrita tracejada pelo universo onírico da minha infância – “Devaneios voltados para a infância” (Bachelard, 1988a, p. 93-137). “Quando, ao ler os poetas, descobrimos que toda uma infância é evocada pela lembrança de um perfume solitário, compreendemos que o cheiro, numa infância, numa vida, é, se ousamos dizê-lo um *detalhe imenso*. Esse nada adicionado ao todo trabalhão próprio ser do sonhador. Esse nada faz viver o devaneio engrandecedor: com total simpatia lemos o poeta que infunde numa imagem esse engrandecimento da infância em germe.” (Bachelard, 1988a, p. 137). O cheiro da terra molhada, o cheiro da poeira nas estradas cavadas pelos carros de boi, o cheiro do curral, o cheiro da mata, o cheiro das jabuticabeiras, o cheiro de biscoitos, pão de queijo, broa de fubá assando no forno de barro. Ah, o cheiro do café torrado no fogão de lenha e, coado de madrugada para tomar com leite quentinho tirado direto da vaca! Ah, quantos cheiros que o poeta Manoel de Barros me desvelou neste regresso ao meu lugar-casa-mundo da infância! Ah, quantas lembranças! A escrita de Manoel de Barros é mesmo a própria existência humana.

A poesia de Manoel de Barros é assim o caminho para uma geoautobiografia, que toma de empréstimo a inspiração da autobiografia, em discussão pela Antropologia (Ellis, 2003; Blanco, 2012a; 2012b) em um sentido geográfico. O “canto do mundo”, lugar e paisagem que remete ao ser, como tão bem nos inspira Bachelard (1988b), encontra Dardel (2011) em sua geograficidade, projetada na trajetória desta andarilha-hidroperegrina desde o sertão de Goiás. Entre seus versos, minhas lembranças e a fenomenologia da imaginação de Bachelard, a infância desta geógrafa sertaneja será revisitada, poeticamente, afinal, como nos ensina o mestre francês: “A infância é certamente maior que a realidade. Para experimentar, através de nossa vida, o apego que sentimos pela casa natal, o sonho é mais poderoso que os pensamentos.” (Bachelard, 1988b, 35).

Como tudo começou?

Tudo começou ao encontrar o livro “Menino do Mato”. Um encontro de espanto! Quando vi este título com este nome, minha imaginação alçou voo arrebatando-me para o meu tempo de criança, e, tão logo, pensei comigo: Manoel de Barros é um *menino do mato* como sou eu, também, uma *menina do mato* – menina da roça. Então, ávida de saber, peguei o livro e soltando as asas da imaginação sem limite, abri logo o livro, e, comecei a ler e, repentinamente, vejo no final da primeira página da apresentação estava escrito:

O livro é curto e simples, dividindo-se em duas partes: na primeira, que reproduz o título do livro, *o eu lírico recorda a infância, a família e, sobretudo o contato direto e perene com a natureza*, inspiradora de sua poesia e, ela mesma, poética; na segunda, “Caderno de aprendiz”, manifesta-se o presente do sujeito lírico, que almeja transmitir em sua linguagem a experiência alcançada nos tempos de criança. (Barros, 2015a, p. 7-8, destaques acrescentados).

E, então, tocada e arrebatada pelo maravilhamento da escrita, a minha imaginação alçou voo sem limite, e, novamente me arrebatando para o tempo de infância enquanto *menina da roça* que brincava no seu chão com as “palavras novas” e estas palavras perturbavam os “sentidos normais da fala”. Meu Deus! Que sonho esse que encontro em desvelo logo nas primeiras páginas do livro de Manoel de Barros com um título como este – “Menino do mato”!

Desta vez, a imaginação e o arrebatamento por este voo projetam-me para mais longe ainda, ao tempo da minha infância sonhadora de livros – menina que sonhava com os livros – menina do mato que queria ir para a escola e ser professora.

E a menina do mato encontra um livro que se torna seu, quando lhe é revelado que “o eu lírico recorda a infância, a família e, sobretudo o contato direto e perene com a natureza, manifestando-se [...] o presente do sujeito lírico, que almeja transmitir em sua linguagem a experiência alcançada nos tempos de criança.” (Zilberman, 2015, p. 7-8).

É a “infância da poesia” do *menino do mato* arrebatando os sonhos da *menina do mato* – menina da roça. Enlevada pelo sonho do encontro – o encontro do sonho – peguei o livro em *desvios* pela biblioteca e, logo fui correndo para casa – *meu canto no mundo* – com o meu livro na mão – e, delicadamente, debrucei sobre ele os meus olhos encantados, e, com o meu eu lírico me pus a “recordar a infância, a família e, sobretudo, o contato direto e perene com a natureza, inspiradora de sua poesia e, ela mesma, poética.” (Zilberman, 2015, p. 7).

E, ainda, ao mesmo enlevo de encantamento pelo encontro do sonho, me deletei com o anúncio e apontamento no final da apresentação: “Este livro é ‘Menino do mato’, síntese de seu desejo de artista, que ele nos lega, para que vivamos a experiência das palavras novas e recuperemos a ingenuidade dos primeiros tempos da vida e da humanidade. (Zilberman, 2015a, p. 8). Profundamente tocada pelas “palavras novas” e a “ingenuidade dos primeiros tempos da vida”.

Se a primeira parte do livro que tem o mesmo nome “Menino do Mato” me encantou, a segunda parte, “Caderno de aprendiz”, que “manifesta-se o presente do sujeito lírico, que almeja transmitir em sua linguagem a experiência alcançada nos tempos de criança.” (Zilberman, 2015, p. 7-8), me fez tirar da minha memória de infância o meu *caderno de aprendiz* com as primeiras letras grafadas por papai com uma pena de tinta nanquim preta. Na folha do caderno escrevia as letras do alfabeto. Uma letra linda, bem feita, em traços de caligrafia como nos velhos tempos. Com este primeiro ato de ensinar, aprendi a ler as letras do alfabeto grafadas pelas mãos lavouristas do papai, homem da roça – sertanejo – que só frequentou a escola por apenas vinte e poucos dias, numa uma escola rural em uma fazenda vizinha. Com grande alegria desempenhou o papel de professor. Meu primeiro professor – meu eterno mestre!

O *caderno de aprendiz* é o meu primeiro presente de infância, minha “aspiração máxima” de expressar “palavras novas”. Meu primeiro documento para aprender a ler e escrever. Escrever em um caderno de caligrafia – *meu caderno de aprendiz*. A escola onde ensinava? A casa da fazenda. A sala de aula? A sala da nossa casa. O horário? À noite, depois de um dia inteiro de lida com a terra, à luz esmaecida de candeia - candeieiro. Que alegria! Aprender a ler e escrever! Sonho de infância!

É por demais grande a natureza de Deus.
Eu queria fazer de mim uma naturezinha
particular.
Tão pequena que coubesse na ponta do meu
lápiz.
Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do
meu quintal.
...
Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha
particular:
Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar.
(Barros, 2015b, p. 136).

Saí da roça para estudar, aos 14 anos, quando nos mudamos da Fazenda para a cidade de Trindade para cursar Admissão. Naquele tempo ainda se fazia o Exame de Admissão. Saí da roça para estudar e um dia ser professora, e, impulsionada por este sonho da infância, tornei-me professora – professora de geografia. Confesso que nunca havia pensado ou imaginado cursar Geografia. Até porque, a menina da roça – *menina do mato* – quase levou um castigo da professora porque não tinha decorado todas as capitais dos estados brasileiros. Claro, não ficou de castigo, deixou a sala no paiol da fazenda e foi para dentro da casa. É preciso dizer que não era uma escola formal. A professora era contratada de uma cidade próxima e passava a semana na casa da Fazenda.

Menina da roça que se formou em Geografia e se tornou professora universitária levando para os seus estudos, pesquisas e viagens os ensinamentos do primeiro professor, a primeira escola e o primeiro caderno de aprendiz. Andei, andei, tornei-me mestre, doutora e pós-doutora com a força e o impulso do sonho de infância, carregando e honrando a herança que o primeiro professor sonhou e me destinou – a educação. Neste sentido e com esta projeção me fiz uma andarilha de estudo, pesquisa e viagens ao prazer da leitura e ao encanto pelos livros. Uma andarilha-peregrina com o seu *caderno de aprendiz* à mão e um lápis apontado de sonhos.

Andando devagar eu atraso no final do dia.
Caminho por beiras de rios conchosos.
[...].
Os loucos me interpretam.
A minha direção é a pessoa do vento.
Meus rumos não têm termômetro.
[...]
Eu pertencço de andar atoamente.
Não tive estudamento de tomos.
[...]
Todas as coisas têm ser?
[...]
E estes ermos me somam.
(Barros, 2015b, p. 103).

Andarilha-hidroperegrina... andei... andei... andei... e “nesse pedaço de chão do coração do Sertão encontrei meu lugar” (Gratão, 2002, p. 299).

Talvez este seja o sonho que me enlevou à sedução e maravilhamento por Bachelard, descoberto bem mais tarde na minha trajetória acadêmica – e de vida – mas, que me arrebatou com o seu encantamento onírico pelas águas, pela infância e o amor pelos livros.

Que benefícios nos proporcionam os novos livros! Gostaria que cada dia me caíssem do céu, a cântaros, os livros que exprimem a juventude das imagens. Esse desejo é natural. Esse prodígio, fácil. Pois lá em cima, no céu, não será o paraíso uma biblioteca? Mas não basta receber, é preciso acolher. É preciso, dizem em uníssono o pedagogo e a dieteticista, “assimilar”. Para isso, somos aconselhados a não ler com demasiada rapidez e a cuidar para não engolir trechos excessivamente grandes. [...] Antes de mais nada, é necessário um bom desejo de comer, beber e de ler. É preciso desejar ler muito, ler mais, ler sempre. Assim, já de manhã, diante dos livros acumulados sobre a mesa, faço ao deus da leitura a minha prece de leitor voraz: “A fome nossa de cada dia nos dai hoje...” (Bachelard, 1988 a, p. 26).

Aqui, Bachelard faz-me lembrar do meu desejo de ler! Enquanto fazia as tarefas domésticas e era surpreendida com um livro, revista ou jornal velho nas mãos, eu o escondia debaixo da toalha da mesa ou em outro lugar qualquer. Ah, sonho de infância! Ah, infância de sonhos! Ah, infância em voo! Tudo isso é que enleva a minha alma sonhadora a se encantar com os sonhadores de palavras: Gaston Bachelard e Manoel de Barros. “Quem vive para a poesia deve ler tudo. Quantas vezes, de uma simples brochura, jorrou para mim a luz de uma imagem nova! Quando aceitamos ser animados por imagens novas, descobrimos irisações nas imagens dos velhos livros.” (Bachelard, 1988a, p. 25). A “aspiração máxima” de expressar “palavras novas” e estas palavras perturbavam os “sentidos normais da fala”. (Barros, 2015a).

2
Invento para me conhecer.
3
Eu só faço travessuras com palavras.
Não sei nem me pular quanto mais obstáculos.
4
Escrever o que não acontece é tarefa da poesia.
5
A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens.
6.
Eu gosto do absurdo divino das imagens.
9
Pra meu gosto a palavra não precisa significar – é só entoar.
15
A maneira de dar canto às palavras o menino aprendeu com os passarinhos.
16
Visão é recurso da imaginação para dar às palavras novas liberdades.
(Barros, 2015a, p. 31; 33; 35; 37; 39; 45; 59).

Escritas em versos do “Caderno de aprendiz”, segunda parte do livro “Menino do mato” (BARROS, 2015a). Quantas palavras novas escritas no seu *caderno de aprendiz*, Quantos livros! Quanta poesia! “Quem vive para a poesia deve ler tudo” (Bachelard, 1988a, p. 25). Só bem tarde, na busca do sonho e do conhecimento, encontrei verdadeiramente com os livros – e, hoje, faço esta escrita – abertura e possibilidade de escrever, inscrever e circunscrever minha história, minha geografia, minha infância pelas páginas da Geografia e Literatura. *A menina do mato e o seu caderno de aprendiz – meu primeiro livro*.

O chão de Manoel de Barros – da terra brotando palavras sem limites

Brincadeira de palavras? Brincadeira com as palavras?

Manoel de Barros uma criança que brinca com as palavras! Brincar com as palavras é o fazer da criança, é arte da criança, criança fazendo arte. Como crianças em brincadeiras de fundo de quintal, o poeta da natureza, no seu *chão* brotando palavras sem limites. Em atos e gestos de criança desenha o seu mundo encantado, com as palavras.

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto de palavras
fatigadas de informar.
[...]
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior que o mundo.
(Barros, 2015b, p. 149).

Eu sou dois seres.
O primeiro é fruto do amor de João e Alice.
O segundo é letral:
É fruto de uma natureza que pensa por imagens,
Como diria Paul Valéry.
O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu
e vaidades.
O segundo está em letras, sílabas, vaidades
frases.
E aceitamos que você empregue o seu amor em nós.
(Barros, 2015b, p. 135).

Oh, poeta da natureza! A ti louvo o meu amor! Amor brotado no meu *chão* de infância!

Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas
as plantas.
Vez que todos somos devedores destas águas.
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que
trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa
inocência de nossas origens.
(Barros, 2015a, p. 26).

Com a palavra – brotada do chão, solta ao vento –, Manoel de Barros é pura expressão da natureza. Ele sonha natureza, vira natureza, transfigura-se em pura natureza. É natureza enraizada na palavra. Palavra-escrita da terra – *geographia*. Entoa, envoa, revoa, ecoa em palavras sem limites, a poética da natureza da sua “terra de água”, palavras aguadas da sua “terra natal”. Escrita de alma – alma infante – encantada pela natureza. *Da terra brotando palavras - o chão de Manoel de Barros*.

A poesia de Manoel de Barros é uma louvação à Natureza-Terra! Todos os seres lhe dão vozes-palavras – vozes de bichos, vozes de rio, vozes de vento, vozes de chuva, vozes de pedra. Vozes virando palavras. Vozes virando poesia! Tudo brota, rebrota; nasce, renasce; cresce, recresce nas suas palavras. Tudo é nascença. Tudo vivo e revivo! Vida! Vida virada poesia pela criança brincando com as palavras no seu quintal. Nas asas da imaginação – envoadas poéticas, revoadas poéticas, poéticas da natureza – poética geográfica. Expressão de verdadeira associação-encontro entre linguagem e realidade. O Homem e a Terra e a realidade geográfica “Por toda parte o espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em substância móvel ou invisível.” (Dardel, 2011, p.7). O espaço material, o espaço telúrico, o espaço aquático e o espaço aéreo (Dardel, 2011). Terra, água, fogo e ar, os quatro elementos bachelardianos transfigurando-se em poesia. Um sonhador da matéria, quando, nos seus sonhos, vai “ao fundo das coisas”. “Sonha-se diante do fogo, e a imaginação descobre que o fogo é o motor de um mundo. Sonha-se diante de uma fonte, e a imaginação descobre que a água é o sangue da terra, que a terra tem uma profundidade viva.” (Bachelard, 1988a, p. 169).

A poesia de Manoel de Barros é extensão do conhecimento do seu mundo vivido e imaginado, seu solo, seu chão. Pela linguagem se faz conhecer a (sua) terra-mundo - o Pantanal, o Brasil, o Mundo. Quando se deixa entranhar a terra-entranhar-se na terra, o *ser-poeta* se

liga com o cosmos, *ele* é o próprio cosmos – ligação cósmica.

A poesia de Manoel de Barros é acesso e alento para a alma e o coração de quem tem a natureza como fonte essencial de inspiração e ligação com o mundo. Um veio de conexão com o mundo-cosmos. É canto-recanto-encanto de “palavras novas” e “sem limites” – palavras cósmicas.

Quando um sonhador de devaneios afastou todas as “preocupações” que atravancavam a vida cotidiana, quando se apartou da inquietação que lhe advém da inquietação alheia, quando é realmente o *autor da solidão*, quando enfim, pode contemplar sem contar as horas, um belo aspecto do universo, sente-se sonhador, um ser que se abre nele. De repente ele se faz *sonhador do mundo*. Abre-se para o mundo e o mundo se abre para ele. (Bachelard, 1988a, p. 165, destaques no original).

Encantada pela sua escrita, sua maneira de extrair e transfigurar as palavras brotadas da sua terra – seu mundo – sem perder o seu jeito de ser-criança. Sua escrita é de uma criança falando, sonhando, brincando com as palavras; uma escrita lúdica em essência, expressando admiração, maravilhamento e alegria diante-com a natureza. Uma escrita de pura inocência. Uma criança em devaneio.

A natureza se transmuta em poesia-de-ser nas palavras de Manoel de Barros. A terra vira poesia nas palavras. O mundo é pura poesia. Os bichos falam poesia, os pássaros envoam poesia. Os sapos coaxam poesia. As águas vertem e sonorizam poesia das nascentes deslizando pelos rios. Poesia de alma. Poesia de cosmocidade. Um poeta das origens; um poeta em comunhão com a natureza-terra-cosmos. Um poeta incrustado na terra e na natureza. Sua poesia é de Manoel de Barros, melhor dizendo, é Manoel de Barros.

Embevecida pela sua poesia-poética composta em palavras e natureza amalgamadas, permito-me, ao devaneio desta escritura escavada na infância, desvelar-revelar-confessar: sua poética ressoa em mim; poética incrustada em mim. Escrita confessa no meu *caderno de aprendiz* em desvios e transvios pelo no campo geográfico, carregada de sentimentos de pertencimento, telurismo, topofilia, geograficidade e poeticidade. Não só sentimentos de vínculo com a terra, lugar, paisagem, espaço, mas, sentimentos de ligação com o Mundo. Um despertar para o belo, para o além do humano. Sentimento-de-Ser-no-Mundo. É uma poesia que se deleita ao devaneio poético! “O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos. Dá ao eu um não-eu que é o bem do eu: o não-eu meu. É esse não-eu meu que encanta o eu sonhador e que os poetas sabem fazer-nos partilhar. Para o meu eu sonhador, é esse *não-eu meu* que me permite viver minha confiança de estar no mundo.” (Bachelard, 1988a, p. 13, destaques no original). Oh, sonhadores de mundos: Gaston Bachelard e Manoel de Barros! O que fazem o filósofo e o poeta em mim – ao eu um não-eu. Enlevam-me ao devaneio! Menina da roça sonhadora de mundos! “E é assim que o devaneio ilustra um repouso do ser, que o devaneio ilustra um bem-estar. O sonhador e seu devaneio entram de corpo e alma na substância da felicidade.” (Bachelard, 1988a, p. 12).

O que esta escrita escavada na volta à infância pela poesia de Manoel de Barros fez enlevar minha alma a se perder-vaguear pelo campo onírico que a geografia me apresentou desafiando-me a se “jogar no mundo”. Como alerta Bachelard (1988a, p. 13): “Em face de um mundo real, pode-se descobrir em si mesmo o ser da inquietação. Somos jogados no mundo, o mundo é então o nada do humano. As exigências de nossa *função real* obrigam-nos a adaptar-nos à realidade, a constituir-se como uma realidade, a fabricar obras que são realidades. Mas o devaneio, em sua própria essência, não nos liberta da função do real?”

A poesia de Manoel de Barros ressoa em mim esta escrita de sonho de infância. Sonho nascido do amor pelos livros. Desde criança, nascida e vivida na roça, tenho cultivado grande apreço pela leitura e um profundo afeto pelos livros. Desde lá, cultivo o gosto pela leitura e aprecio com muito bom gosto os livros. Lembro-me que tinha em casa um livro: “Manuscrito”. Um livro pequeno de capa dura, com escritas em manuscrito. Lindo! Encantador! Presente de um tio, irmão da mamãe que também amava os livros, como papai e eu.

Papai, desde criança gostava de ler, queria estudar, mas a lida na roça não permitia ir para a escola. Meu avô não lhe dava tempo para este desejo-desvio. Estudar não fazia parte das suas labutas pelos sertões de Goiás. Aprendeu as primeiras letras com uma empregada na fazenda, à noite, depois da lida. Meu avô não fazia muito gosto a esta “estripulia de criança”, a esta “traquinagem”.

Eu, desde que descobri o amor pela leitura, longe dos livros, lia pedaços de jornais velhos que chegavam embrulhando as compras feitas na cidade vizinha; revistas velhas de fotonovelas (“Contigo”) e o “Almanaque”. Não me lembro de como chegavam na fazenda. Meu primeiro contato com um livro de literatura foi “Lucíola”, de José de Alencar, um livro de capa dura, lindo! Que alegria! Um livro em minhas mãos; pegá-lo, segurá-lo, acolhê-lo entre as mãos; tocar, cheirar. Ah, sonho de ler! Lembro que chegou bem tarde nos meus anos de infância. Como chegou até mim? Não sei dizer. O que sei é que me encantou e que me encantei com aquela leitura. Meu Deus, já sabia ler um livro de literatura! Menina da roça lia uma obra literária! Fiquei encantada!

Sim, com todo o maravilhamento pela leitura e, para aprender a falar corretamente ouvia radionovelas. Ah, como me fazia sonhar a leitura e o rádio! Devaneio e rádio (Bachelard, 1994, p. 176-182).

No limiar de um artigo talvez fosse bom criar uma palavra nova. Se não há palavra nova, não há a aquisição feita pela palavra. [...] O rádio é uma função de originalidade. Não pode se repetir. Deve criar novidade a cada dia. Não é simplesmente uma função que transmite verdades, informações. Deve ter vida autônoma nessa logosfera, nesse universo da palavra, nessa palavra cósmica que é uma nova realidade do homem. É preciso que vá buscar no fundo humano princípios de originalidade. [...] é possível que horas de rádio sejam instauradas e temas de rádio que toquem o inconsciente sejam desenvolvidos, inconsciente que vai encontrar em cada onda o princípio do devaneio? (Bachelard, 1994, p. 176-178).

“Amava sonhar” ouvindo o rádio ao som das palavras novas, bem faladas e bem entoadas.

Desde lá, cultivo em mim o amor pelos livros e pela leitura. Desde lá, os livros me encantaram e me enlevaram a sonhar; sonhar e viajar. Sim, os livros nos convidam a sonhar e viajar. Sonhar e viajar o mundo. Desde lá, os livros passaram a ocupar um lugar especial na minha vida de criança vivida ao meio da natureza, permeando junta do rio, do mato, orvalho, enxurrada, passarinhos, sapos, besouros, minhocas, formigas, vagalumes e tantos seres. Esta natureza de vida amalgamada de cosmos. Contemplando e seguindo o ritmo desta natureza, o amanhecer, o entardecer, o anoitecer; a época da chuva, a época da seca; época da plantação e da colheita; plantar e colher o milho, a mandioca, a jabuticaba, a banana, a mexerica.

A esses entremeios de natureza e seus ritmos, formas, cores, sons, estava lá o livro em minha companhia, a ensinar-me o prazer e a aventura de ler. Desde lá, já brotara e cultivara sonhos e devaneios e, que me perseguem pela “Terceira Infância”.

Fomos formados no mato – as palavras e eu. O que de terra a palavra se acrescentasse, a gente se acrescentava de terra. O que de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água. Porque nós íamos crescendo de em par. [...] Foi no que deu a nossa formação. Voltamos ao homem das cavernas. Ao canto inaugural! Pegamos na semente da voz. Embicamos na metáfora. Agora a gente só sabe fazer desenhos verbais com imagens. (Barros, 2018, p. 63).

Sonhos e devaneios que me desviam pelos cantos e recantos da casa e no envoar do mundo à luz de Bachelard: “A poética do devaneio” (Bachelard, 1988a), “A poética do espaço” (Bachelard, 1988b) e “O direito de sonhar” (Bachelard, 1994) e tantos outros. E, então, ressurgem em mim uma visão: Um dia eu vou ser professora! Delírio? “Esses delírios irracionais da imaginação fazem mais bela a nossa linguagem.” (Barros, 2018, p. 64). Eu varria a casa, dei uma pausa e, encostada à mesa da sala, anotei no meu *caderno de aprendiz*.

A poesia traz imagens, memória, fantasias. Manoel de Barros tocou em mim, cordas que ainda não tinham sido tocadas – cordas (des)afinadas do tempo de infância. Infância emaranhada na natureza, entrançada pelos ramos das árvores, pés molhados na terra encharcada no período chuvoso e no orvalho das manhãs pelos pastos, ao meio do gado ruminando,

fugindo dos sapos a coaxar no anoitecer nas beiradas do rego d'água, e, à noite, correndo atrás dos vagalumes pululando em misteriosa luminosidade nos cupinzeiros, belas "iluminuras" refletidas ao céu estrelado. O frio das madrugadas no curral e o papai tirando leite, e nós, os filhos, na cerca do curral na mão um copo de café quente e açúcar esperando o papai vestido de vaqueiro, aos ombros a corda de pear e nos servir o leite quentinho tirado direto das vacas. Delícias de infância acordada pelo ritmo da natureza e o trabalho sertanejo. Quantas outras memórias! Andar descalço nas enxurradas após as chuvas torrenciais que caíam sempre à tarde, hora de comer bolo frito de polvilho com café quente, feito pela mãe. Ah, sabores de infância "inocente"!

Ah, Manoel de Barros, encantador de sonhos; fazedor de sonhos; desvelador de sonhos! De sua poesia faço esta escritura transviada de sonhos! Ah, poeta que me encantou e me arrastou para o espaço onírico da infância de corpo e alma integrada à natureza e amalgamada pelas suas raízes telúricas. De corpo e alma incrustada na terra. Que potência poética têm as suas "palavras novas" e "sem limites" e o "primitivismo das origens"! "A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens" (Barros, 2015a, p. 37) a ressoar e rebrotar em mim. Ah, Manoel de Barros, sua arte de brincar com as palavras tocou-me como a arte da literatura toca-me na sua criação, porque é arte da imaginação. Por isso, me encanta na geografia, a literatura; me encanta na escrita geográfica, a escrita literária. Ah, Manoel de Barros, a imaginação material amalgamada na sua escrita me impregna até os poros. Ah, imaginação que alto voo me enlevou!

Manoel de Barros não fala sobre o lugar, não fala do lugar, é ele o lugar. Manoel de Barros não fala sobre a paisagem, não fala da paisagem, é ele a paisagem. Manoel de Barros não fala sobre a natureza, não fala da natureza, é ele, a natureza. Natureza falante, imaginante, sonhante. Manoel de Barros é um artista da palavra. A palavra é sua criação e extensão poética. A palavra de Manoel de Barros é um instrumento que faz tocar a sinfonia da natureza na voz de bichos, árvores, vento, água - "Pra meu gosto a palavra não precisa significar - é só entoar." (Barros, 2015a, p. 45); "A maneira de dar canto às palavras o menino aprendeu com os passarinhos." (Barros, 2015a, p. 57). Tudo é poesia num homem só em profunda escavação da alma! Manoel de Barros diviniza imagens. "Eu gosto do absurdo divino das imagens." (Barros, 2015a, p. 39).

A poesia de Manoel de Barros é um ensinar de Infância e de Natureza! É um aprender de existência-existir; Homem-e-Terra em profunda escavação fenomenológica de geograficidade e poeticidade. Uma poesia geografada e poetizada à inocência da linguagem. Eric Dardel traça o conceito geograficidade para expressar a essência da relação Homem-Terra. Uma "relação concreta liga o homem a Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino" (Dardel, 2011, p. 2, destaques no original). Em Manoel de Barros, uma geograficidade poetizada - *poeticidade*.

Os elementos com suas formas, cores, movimentos, texturas em uma verdadeira dança cósmica, extraíndo dos elementos a sua "matéria prima" - essência material. Na poesia de Manoel de Barros não há separação entre a vida e a arte literária. A sua poesia brota de um olhar infantil e, na alegria de infância esse olhar vira palavra; palavra de infância que vira escrita nas mãos do poeta. Palavras brotadas em estado puro, antes de contaminadas pela rigidez da razão. Puro devaneio de infância! Reminiscências da infância! Reminiscências que surgem e ressurgem ao longo das reflexões a que me entreguei e a que me destinei a desvelar. Reminiscências confessas sobre essa poesia da alma. E vou anotando no *caderno de aprendiz* reminiscências que me vêm surgindo. Anotações acessadas à alma de Manoel de Barros. Traços retraçados ao acesso à alma de Manoel de Barros.

Foram muitos os devaneios de busca para encontrar o poeta em sonho. Por entre tantos cantos e encantos, encontros encantados, acabei deixando-me enlevar pela sedução poética intimista de Manoel de Barros. A relação intimista do Homem com a Natureza, mas, também, do Homem com-e-no Mundo. Folhear seus livros ao meu redor é como passear pela (minha) natureza da (minha) infância. No som das águas, no canto dos passarinhos, no coaxar dos sapos, no revoar de borboletas, no barulho do vento nas folhas. Ler página por

página é um descansar-pousar-repousar na sombra de uma árvore, na margem do rio, na beirada do rego d'água, sentir o aroma das flores rupestres, das cascas de árvores, o cheiro de mato. Uma verdadeira viagem pelo universo onírico da palavra. "Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspido à distância servem para poesia." – "Cada coisa ordinária é um elemento de estima" (Barros, 2015b, p. 45). Rebrotando em mim o sonho: dar valor às origens, dar valor às raízes. Por esse valor, rebrota e esparrama o encantamento pelas palavras de Manoel de Barros. Poeta de raízes que brotaram da Natureza-Terra-Água-Pantanal. Nascido em Cuiabá, mas, foi criado numa fazenda próxima a Corumbá. Sempre encantado pela matéria virando poesia. No cultivo da terra, solo escavado e arado, plantando poesia. Fazendo da Natureza pura poesia. Fazendo da matéria, poesia. Matéria de poesia (Barros, 2015b, p. 43).

Eu, aqui, no interior do Sertão dos Goyazes – Sertão de Goiás – meu chão, meu solo, minha casa, minha alma – eu sou sertaneja. Minha alma é sertaneja. Minha alma me (en)leva a viajar para lugares de cerrados, de ipês, araras, jaburu, pequis, rios e cachoeiras; Rio Araguaia, Rio Vermelho, Serra Dourada, Serra dos Pirineus. Em viagem, de corpo e alma entrelaçada pelo Cerrado em suas tantas formas, cores e tons. Lugares a envolver a imaginação e a alma sertaneja. Uma alma sertaneja habita em mim. Sim, eu sou sertaneja! Vejo e desvejo o mundo pelas imagens do (ser)tão – janela da alma – alma sertaneja. Sinto o mundo ao (im)pulso do coração sertanejo que ressoa no Interior do Brasil. Mundo aqui, em desvelo no interior do campo da geografia. Campo em exploração poética pelos estudos geográficos. Campo desta escavação e lida geográfica ao impulso da geografia humanista cultural. Por esse veio de escavação venho aprendendo que a filosofia e a poesia são linhas mestras – palavras – condutoras da vida – da minha vida. Como um rio que conduz suas águas sempre levadas pela sua destinação a alcançar o mar.

Eu, aqui, no interior da geografia – ao revoar da imaginação procurando catar palavras ao vento e dar a elas novas liberdades! Na aterrissagem, assentando-me para fazer minha escritura – *no meu caderno de aprendiz* –, e, assim, guardar nas palavras os meus desconcertos. "Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos." (Barros, 2015a, p. 53). "Eu só faço travessuras com palavras." (Barros, 2015a, p. 33). Nesse gesto de escrita, aprender o sentido poético das palavras brotadas de Manoel de Barros. Palavras rebrotadas das primeiras leituras, das primeiras letras lidas, das primeiras escritas tracejadas do meu primeiro caderno, em espiral. Letras do alfabeto bem traçadas, lidas e ensinadas pelo papai. Sim, esta é uma escrita da infância, e, eu aqui, rebrotando da terra, terra que nasci, terra que me fez nascer, que me fez crescer, que me fez-ser. Terra que pisava, e, dela brotada, extraía o alimento para o corpo e para a alma – terra do poeta rebrotando em mim – terra do poeta rebrotada em mim. Uma escrita em devaneios. "O sonhador e seu devaneio entram de corpo e alma na substância da felicidade." (Bachelard, 1988a, p. 12). "Escrever o que não acontece é tarefa da poesia." (Barros, 2015a, p. 35). Ah, esse *não-eu* aqui a poetizar! "O devaneio nos põe em estado de alma nascente." (Bachelard, 1988a, p. 15).

Terra escavada, sulcada, revirada para plantar sonhos. Sonhos de infância que rebrotaram e que viraram escritura na mão (in)segura com o meu lápis até ganhar a primeira caneta-tinteiro – Caneta Parker. Presente do meu avô. Ah, como cresceu o sonho de infância. Sonho de saber; sonho de aprender; sonho de escrever. Aprender a ler e escrever. Ler para escrever. Escrever um livro. Sonho! "Eu sonhava de escrever um livro com a mesma inocência com que as crianças fabricam navios de papel." (Barros, 2015a, p. 19-20).

Terei força para escrever esse livro? "É grande a distância entre as palavras que confiamos livremente a um auditório simpático e a disciplina necessária para escrever um livro. No ensino oral, incentivada pela alegria de ensinar, às vezes a palavra pensa. Para escrever um livro é preciso refletir." (Bachelard, 1988b, p. 22). Maior a distância ainda entre as *palavras sem limites* impressas em tamanha profusão poética. Para alcançá-las é preciso alçar voo rumo à plenitude da liberdade! Voar aos mais altos *desvios* fenomenológicos poético-geográficos. Para escrever um livro é preciso ler. É preciso gostar de ler. É necessário um bom desejo de ler. "É preciso desejar ler muito, ler mais, ler sempre." (Bachelard, 1988a, p. 26).

Antes, é preciso gostar de livros. É preciso amar os livros.

Minha infância aqui em devaneio se renova e me impulsiona. É preciso procurar nossos documentos. “Eles vêm dos livros – toda a nossa vida é leitura.” (Bachelard, 1988a, p. 24). Minha infância aqui de volta reencontrada à luz do poeta Manoel de Barros.

Por alguns de seus traços, *a infância dura a vida inteira*. É ela que vem animar amplos setores da vida adulta. Primeiro, a infância nunca abandona as suas moradas noturnas. [...] É preciso viver, por vezes é muito bom viver com a criança que fomos. Isso nos dá uma consciência de raiz. Toda árvore do ser se reconforta. Os poetas nos ajudarão a reencontrar em nós essa infância viva, essa infância permanente, durável, imóvel. (Bachelard, 1988a, p. 20-21, destaques no original).

Manoel de Barros em dueto de Infância e Natureza – em dueto de Linguagem e Literatura – entoa e diviniza não só a natureza, mas, louva tudo, o simples, o puro, o belo, o ordinário e o extraordinário. “Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto.” (Barros, 2015a, p. 73). Manoel de Barros o poeta das miudezas e das grandezas – o mundo-de-existir.

Nas brincadeiras de quintal com Manoel de Barros – (re)encontro e (re)encanto – uma nova imagem rebata em mim: A estrada para a escola que ficava na fazenda de um tio, caminhada de dois quilômetros a pé. Ah, que caminho de memória! Memória da escola. E o devaneio tecendo em torno de mim sonhadora, laços suaves. O devaneio é “ligante” e, em toda a força do termo, “o devaneio “poetiza” o sonhador.” (Bachelard, 1988a, p. 16). Pés a caminhar na estrada ora, levantando poeira, na estação seca ora, enlameados pelas intensas chuvas de verão. Nos ombros alçados, o embornal carregando os livros e os cadernos e, o lanche do recreio. Na volta, à tardinha, uma parada no pé de pitomba. Delícia de infância aquela! Comer o fruto azedinho colhido direto do pé. Hora de curtir a natureza – integrar-se com a natureza. Hora de brincar. Hora de fazer traquinagens. Nesse caminho está escrito um pedaço da minha história – da *minha geografia* – do *meu lugar* de existência – “Uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da “crosta terrestre”, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica.” (Dardel, 2011, p. 15, destaques no original). No traçado do caminho, traços da minha infância, *geografia da infância*; mapa da infância. Poesia é invenção da alma? Obra inventada da alma? Invenção manifesta do – e – em silêncio? “Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono.” (Barros, 2015a, p. 55).

A escrita de Manoel de Barros reescreve e repercute uma reflexão ontológica, permeada pela existência. Então, prescrevo uma clara escrita de aproximação geográfica com Eric Dardel (2011) com sua base de *fundação* existencial. Ao mesmo tempo, prescrevo uma clara aproximação com Gaston Bachelard com suas obras *fundantes* de imaginação material dos quatro elementos da natureza: “A água e os sonhos”; “A terra e os devaneios da vontade”; “O ar e os sonhos”; “Psicanálise do fogo”; “A terra e os devaneios do repouso”, e, suas obras de *projeção* da imaginação poética: “A poética do devaneio”; “A poética do espaço”; “O direito de sonhar” (Bachelard, 1988a; 1988b; 1989; 1990a; 1990b; 1991; 1994).

Que escrita é esta carregada de telurismo, topofilia, geograficidade e poeticidade! Uma escrita escavada de pertencimento e permeada por fortes traços de sentimentos de paisagem e de lugar e, amalgamada pela condição de existência. Não só traços de vínculo com a terra, mas, expressões de Mundo. Um despertar para o belo, para o além do humano. “Eu bem sabia que a nossa visão é um ato poético do olhar.” (Barros, 2015a, p. 69).

Uma poesia para se deleitar à luz onírica da alegria! Ode à Natureza! Ode à Infância! “Quisera o canto jubiloso que corresse por dentro de minhas palavras. Como um rio destampado corresse para os campos” (Barros, 2015a, p. 79). Uma poesia com traços-veios do coração e da alma. “O sonhador, em seu devaneio sem limite nem reserva, se entrega de corpo e alma à imagem que acaba de encantá-lo. Uma única imagem cósmica lhe proporciona uma unidade de devaneio, uma unidade de mundo. Outras imagens nascem da imagem primeira, reúnem-se, embelezam-se mutuamente” (Bachelard, 1988a, p. 167).

Uma poesia carregada de poder de cosmocidade das imagens e, o poeta ao olhar humanista, voltado para o *desver* o mundo em seus *desvios* fenomenológicos.

A estas aproximações cósmicas e o onirismo geográfico, transcrevo pelo olhar poético-fenomenológico da geografia:

A realidade geográfica age sobre um homem através de um alerta da consciência. Às vezes mesmo, ela opere como um renascimento, como se, antes mesmo de nós tomarmos consciência, ela “já estivesse lá”. [...] A realidade geográfica vem assim ressoar em nós. Foi dado a Beethoven, a Weber, a Debussy o dom de perceber e de transmitir a harmonia musical vibrada pelo espaço campestre, silvestre ou marinho. (Dardel, 2011, p. 36-39).

A realidade geográfica vem assim ressoar em nós. Foi dado a Manoel de Barros o dom de extrair da terra a palavra e o primitivismo das origens. “Eu queria usar palavras de ave para escrever. Nosso conhecimento não era de estudar em livros. Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos. Seria um saber primordial?” (Barros, 2015a, p. 13-15). Ah, poeta da infância! “A criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a criança nos restitui à beleza das imagens primeiras.” (Bachelard, 1988a, p. 97).

O filósofo Gastón Bachelard influenciou-me profundamente na maneira de ver-e-estar-no-mundo. Ao encontrá-lo deixei-me seduzir pelo seu modo de ver o mundo, seu modo de ensinar, sua maneira de escrever, sua relação com o lugar da infância, sua infância rural. A esta sedução do filósofo da natureza – filósofo rural – deixei-me encantar e enlevar-me pela imaginação poética. Tão logo ao iniciar a leitura da sua obra poética, fui arrebatada pelo seu anúncio: “Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética, é preciso chegar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade.” (Bachelard, 1988b, p. 2).

E um novo impulso de arrebatamento se eleva ao evocar uma fenomenologia da alma, afirmando que “há um sentido em falarmos de uma fenomenologia da alma. Em diversas circunstâncias, deve-se reconhecer que a poesia é um compromisso da lama.” (Bachelard, 1988b, p. 5-6). E ao mais alto fascínio me entrego à sua sedução poética: “Em especial, é como fenomenologia da alma que estudaremos numa outra obra, o devaneio poético.” (Bachelard, 1988b, p. 6). E o encantamento se projeta ao fascínio da imagem poética: “Numa imagem poética a alma afirma a sua presença.” (Bachelard, 1988b, p. 6). E é assim que um poeta coloca com toda a clareza o problema fenomenológico da alma. A alma inaugura. Ela é aqui potência inicial. A imagem poética transporta-nos à origem do ser falante. (Bachelard, 1988b).

Pura sedução e enlevo poético o que acabou levando-me para o campo de escavação da geografia humanista pelo veio fenomenológico. “É com o devaneio que se deve aprender a fenomenologia. [...] a poesia nos proporciona documentos para uma *fenomenologia da alma*. É toda a alma que se entrega com o universo poético do poeta. [...] Como é simples reencontrar a própria alma no fundo do devaneio! O devaneio nos põe em estado de alma nascente.” (Bachelard, 1988a, p. 14-20, destaques no original).

O demiurgo Bachelard à sua luz me desperta para “desver” o mundo. *Desver o mundo* aos olhos da geografia pelos *desvios da fenomenologia*.

O demiurgo Manoel de Barros às suas origens me leva para “desver” o mundo. Desver o mundo na volta à infância aos desvios da poesia. Desver o mundo pela palavra.

Eu aqui, no silêncio da solidão de volta à infância com o poeta Manoel de Barros a encantar-me pela sua poesia: “Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono.” (Barros, 2015a, p. 55).

Eu aqui, no silêncio do meu abandono a lavrar esta escritura de *desver* o mundo pelas vertentes noturna-oníricas. Tudo que sonhei! Tudo que a geografia poderia proporcionar como abertura de caminhos para uma professora-geógrafa-sonhadora – uma professora-geógrafa-sertaneja.

A minha infância em desvelo nas páginas de Manoel de Barros. O meu encantamento de infância quando sonhava com os livros e as palavras. Enlevada por tanta sedução e encantamento, faço agora, esta escritura. Uma narrativa em pessoa – primeira pessoa. A geografia dá-me esse papel – *caderno de aprendiz* – para escrever esses traços de *geografia e literatura*. No meu *caderno de aprendiz, menina do mato* escreve suas *palavras sem limites em desvios para desver* o mundo.

Deixemos que os sonhos acalentem nossas noites... nossos mundos...

Escritura da minha infância - geoautobiografia poética de uma geógrafa sertaneja

Impulsionada pelo desejo e cumplicidade de compor texto em torno da Geografia e da Literatura fui arrebatada pela possibilidade de fazer uma escrita que pudesse contemplar a minha infância em forma de narrativa pessoal. Uma abertura no campo geográfico e literário. A abertura de contemplação do novo horizonte deixou-me entusiasmada e, ao mesmo tempo, “desconcertada”. Fazer da minha infância uma escrita geográfica, esse meu campo de interlocução com o mundo. Esse campo aberto à escavação de múltiplas vertentes-trincheiras de estudos. Alegria confessa, misturada ao desconcerto/desconforto de desvelamento, deixou-me em princípio, um certo constrangimento – lá na roça, diria, envergonhada. Uma escritura da minha infância de sonhos – sonhos de uma menina da roça – (lágrimas me brotam dos olhos) – menina que sonhava com livros – menina da roça que queria ir para a escola e ser professora. Porém, a potência poética da possibilidade foi mais forte e me impulsionou ao devaneio da escrita de infância.

A esse enlevo, seduzida pelo universo onírico da infância, pus-me a ler as obras de Manoel de Barros, deixando-me envolver pelo encanto da sua escrita à luz da – sua/minha – imaginação. E nesse gesto de (im)pulso poético, a escrita de Manoel de Barros encantou-me e encorajou-me a “viajar” e, a me “expor” pela perspectiva geográfica da fenomenologia da imaginação poética e da fenomenologia da alma. Devo confessar que, até então, não havia me despertado por este caminho sedutor e revelador de escrita geográfica – geoautobiografia. Muito embora, sei que sempre me dirigi e me enveredei por um modo meio desviado e transviado de escrever – uma escrita tracejada-geografada por fortes traços de origens-primitivismo e de ligação com a terra – traços da minha infância. Uma infância sonhada com livros e com leitura. Uma infância sonhada com a poesia? Uma infância de poesia?

Ao encontrar a poesia de Manoel de Barros entrego-me de corpo e alma ao desvelo e, me revelo uma sonhadora sertaneja. Manoel de Barros revela em mim, uma sonhadora sertaneja. Manoel de Barros revela em mim, a alma sertaneja. Esta alma que sempre me enlevou a sonhar, revela em mim, o onirismo e o primitivismo de-ser. E, então, de volta peguei a minha infância da roça – eu, menina da roça – inspirada em “O menino do mato” – e me deixei enlevar pela alegria e entusiasmo – estado de *ânima* – de fazer esta escrita geoautobiográfica a compor este artigo em torno da Geografia e da Literatura

O filósofo Gaston Bachelard, como é sabido daqueles que têm me acompanhado pelos caminhos da Geografia continua a me enlevar pelo fascínio e sedução à luz da imaginação. A sua escrita e o seu modo *de-ser*. O filósofo do devaneio que nos arrebatava com “Os devaneios voltados para a infância” (Bachelard, 1988a, p. 94-137). “Quando, na solidão, sonhando mais longamente, vamos para longe do presente reviver os tempos da primeira vida, vários rostos de criança vêm ao nosso encontro. Fomos muito na vida ensaiada, na nossa vida primitiva.” (Bachelard, 1988a, p. 94). Professor-sonhador – o sonhador de palavras, *palavras de devaneio*. Com feições de entusiasmo, cabelo ao vento, barba branca, a alegria de ensinar e o amor pelos livros. Um filósofo camponês – um filósofo de estilo rural – um professor de origem rural – sonhador de mundo. Um filósofo-professor-poeta que uniu ciência e poesia – cientificidade e poeticidade. Um ser-imaginante-sonhante!

Esse *ser-feliz* me enleva ao encontro encantado-sonhado com Manoel de Barros – poeta das origens – poeta da infância- poeta da palavra! Dois demiurgos que embalam e enlevam a minha alma na ponta do lápis a fazer esta escritura geografada e poetizada. “Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha particular: Até onde o meu lápis poderia alcançar.” (Barros, 2015b, p. 136). Então, ao enlevo da potência poética, que os dois demiurgos me conduzam pelos desvios e desvelo do mundo – ao desejo de desver o mundo.

Gaston Bachelard aberto ao mundo a reconhecer o erro e a invenção. Manoel de Barros a versar o erro e a invenção: “Invento para me conhecer.” (Barros, 2015b, p. 31), “Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos.” (Barros, 2015b, p. 31), “Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.” (Barros, 2015b, p. 83). Dois demiurgos em mim ao desvelo do mundo da infância!

Que escrita é essa? Um modo de investigação? Que gênero é este? Um gênero de escrita autobiográfica? Uma narrativa pessoal? Que sentimentos associam e guardam?

Geoautobiografia – contempla a relação do homem com mundo – do homem com a palavra e as coisas (pré-coisas), uma relação entre ele e a natureza. Uma expressão de geograficidade. Uma expressão poética – geopoética. Uma expressão de comunhão entre homem e mundo – homem e natureza. Uma escrita que liga o ser que escreve com o (seu) mundo. O mundo se estende na palavra – escrita.

Uma escrita que diz respeito ao sentimento do homem com o mundo-terra – (geo) – uma ligação com a terra-vida – amalgamada – e não desgarrada – geograficidade. A expressão geoautobiografia traz no seu amálgama o vínculo com a Terra, também o sentimento de topofilia e pertencimento. Junto a esse amálgama de sentimentos, a louvação e a exaltação à natureza-Terra – amor à natureza-Terra.

Geoautobiografia – uma palavra inventada para me conhecer? “Invento para me conhecer”. Uma palavra inventada ainda não significada? – “Pra meu gosto a palavra não precisa significar – é só entoar”. Palavra em desconcerto? – “Eu sempre guardei nas palavras os meus desconcertos”. Palavra a significar? – “Eu só faço travessuras com palavras” – “A mãe disse outra vez: Já vem você com suas visões! Isso é travessura da sua imaginação”. “A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens”

Então, no interior deste campo em deslumbramento geográfico-literário, a geoautobiografia se compõe enquanto “forma narrativa”. Uma narrativa pessoal sobre minha infância onírica pela poesia de Manoel de Barros. Mais que uma escritura autobiográfica, uma escritura geoautobiográfica – uma escritura brotada da *geographia*, esse campo de conhecimento que tem por objeto esclarecer os signos da Terra. “Isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença.” (Dardel, 2011, p. 2). Esta geografia que se projeta, “pelos caminhos da imaginação, a uma geografia de sonhos.” (Dardel, 2011, p. 5).

Pelas expressões de composição da palavra em (con)texto-(pré)texto poético – uma narrativa propriamente geoautobiográfica. Uma vertente geográfica de base geopoética? Uma maneira de escrever pelos tantos caminhos abertos do fazer geografia? Uma abertura de projeção geográfica envolvendo a vertente da literatura? Um gênero geográfico-literário?

O que posso adiantar é que “Invento para me conhecer.” (Barros, 2015a, p. 31) e que “Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor e não por sintaxe.” (Barros, 2015a, p. 15). O que posso confessar é que “Eu gosto do absurdo divino das imagens.” (Barros, 2015a, p. 39), e, então, como anotado no *caderno de aprendiz* esta, é uma escrita tracejada pelo campo de projeção geográfica e geopoética pelos veios da fenomenologia da imaginação e da fenomenologia da alma – “Tenho o privilégio de não saber quase tudo. E isso explica o resto.” (Barros, 2015a, p. 73) e, que “Eu bem sabia que a nossa visão é um ato poético de olhar.” (Barros, 2015a, p. 69).

Por que eu achava que a visão fosse um ato poético
do ver.
Tu não gostasse do caminho comum das palavras.
Antes melhor eu gostasse dos absurdos.
E se eu fosse?
...
Eu queria desver o mundo.
(Barros, 2015a, p. 20).

Fontes - a criança, os passarinhos e os andarilhos

Manoel de Barros tanto encantou em mim a sua poética, que até os personagens que o ajudaram a compor suas memórias, também habitaram em mim, fazendo pulsar o meu coração e impulsionando a minha alma a compor esta escritura de infância. Com esta força poética entranhando-me e fazendo minha criança escrever esta narrativa geoaubigráfica. Meus (e)ternos companheiros de voo – envoada de alegria – de um novo ser - ser-feliz - pelo que me deram-doaram poeticamente: a semente, o amor à natureza e a liberdade de sonhar. “Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia.” (Barros, 2018, p. 22).

Manoel de Barros em mim habita e faz sonhar! Sua poética de volta às origens! “Eu queria pegar na semente da palavra” (Barros, 2015a, p. 85). “A poesia guardada nas palavras – é tudo que eu sei” (Barros, 2015b, p. 125). “A infância da palavra já vem como o primitivismo das origens” (Barros, 2015a, p. 37). “Eu queria que minhas palavras de joelhos no chão pudessem ouvir as origens da terra” (Barros, 2015a, p. 69). Oh, poeta das palavras! Oh, palavras em mim desestruturando a linguagem. “Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem? [...] Agora eu pergunto: quem desestruturou a linguagem? Fui eu ou foram as palavras? Foram as palavras pois que desestruturam a linguagem. E não eu.” (Barros, 2015b, p. 120). Oh, palavras em mim **desveladas!**

Oh, *Fontes na Terceira Infância de Memórias Inventadas!* (Barros, 2018, p. 57) que, entoadas pela inocência encontrei e, com elas alcei voo com o ser falante, o ser-poeta Manoel Barros que, fez-me enlevar até o mais alto voo pelas asas da imaginação, e, até aqui chegar – arrebatada – transfigurada! Foi o que encontrei-desencontrei. Como não se “desencontrar” ao meio de tantas obras-palavras encantadas neste mundo de profusão de natureza e de vida! Sua produção literária se estende pelo quanto estende suas “palavras sem limites” – *Meu quintal é maior do que o mundo!*

FONTES

Três personagens me ajudaram a compor estas memórias. Quero dar ciência delas. Uma, a criança; dois, os passarinhos; três, os andarilhos. A criança me deu a semente da palavra. Os passarinhos me deram desprendimento das coisas da terra. E os andarilhos a paciência da natureza de Deus. Quero falar primeiro dos andarilhos, do uso em primeiro lugar que eles faziam da ignorância. Sempre eles sabiam tudo sobre o nada. E ainda multiplicavam o nada por zero – o que lhes dava uma linguagem de chão. Para nunca saber onde chegavam. E para chegar sempre de surpresa. Eles não afundavam estradas, mas inventavam caminhos. Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a

liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem. E aprendi com eles ser disponível para sonhar. O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim são meus colaboradores destas *Memórias Inventadas* e doadores de suas fontes.
(Barros, 2015b, p. 154, destaques no original).

De volta à infância, arrebatada e maravilhada com o universo poético de Manoel de Barros, despeço-me com um aceno...

Eu bem sabia que a visão é um ato
poético do olhar.
Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta
Nas margens do rio.
...
Depois eu quisera também que a minha palavra
Fosse desaberta na margem do rio.
...
Eu queria que minhas palavras de joelhos
No chão pudessem ouvir as origens da terra.
(Barros, 2015a, p. 69).

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos** – ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade** – ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Maria Hermínia Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Trad. José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015a.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015b.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- BLANCO, M. ¿Autobiografía o autoetnografía?, **Desacatos. Revista de Antropología Social**, n. 38, enero-abril, 2012.

- BLANCO, M. Autoetnografía: una forma narrativa de generación de conocimientos. **Andamios. Revista de Investigación Social**, v. 9, n. 19, mayo-agosto, p. 49-74, 2012.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra** – a realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ELLIS, C. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity. Researcher as Subject. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Ed.). **Collecting and Interpreting Qualitative Materials**, Thousand Oaks, California: Sage, 2003.
- GRATÃO, Lúcia Helena B. Por entre becos & versos: a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lucia Helena B. (Orgs.). **Geografia & literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**, Londrina: Eduel, 2010. p. 297-328.
- GRATÃO, Lúcia Helena. O direito de sonhar em geografia: projeção bachelardiana. **Rev. abordagem gestalt**, v. 22, n. 2, p. 148-155, 2016.
- GRATÃO, Lúcia Helena. A Poética d' "O RIO" – ARAGUAIA! De Cheias... & Vazantes... (À) Luz da Imaginação! 2002. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ROSA, Glenda M. de O. **No descomeço era o verbo**: Manoel de Barros e a roda de conversa na educação infantil. Curitiba: Appris, 2018.
- PESSANHA, José A. M. Bachelard: asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. José A. M. Pessanha (trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. xxx-xxxi.
- RODRIGUES, Aline. **A poética de desver de Manoel de Barros**. Curitiba: Appris, 2016.
- ZILBERMAN, Regina. Desenho verbal da inocência. In: BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015^a. p. 7-8.